

----- **ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA** -----

----- **SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL** . -----

----- **ACTA NÚMERO CINQUANTA E QUATRO** -----

----- No dia 20 de Abril de 2004, pelas 15 horas, reuniu na sua Sede, em Sessão Solene Comemorativa do 30º Aniversário do 25 de Abril, a Assembleia Municipal de Lisboa, presidida pelo seu Presidente Excelentíssimo Senhor António Modesto Fernandes Navarro, que se encontrava ladeado na Mesa pelos Excelentíssimos Senhores Dr. Pedro Santana Lopes, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Coronel Vasco Lourenço, Presidente da Associação 25 de Abril, e José Manuel Rosa do Egípto, Primeiro Secretário da Mesa da Assembleia Municipal e pela Excelentíssima Senhora Maria Virgínia Laranjeiro Estorninho, Segunda Secretária da Mesa da Assembleia Municipal. -----

----- Compareceram a esta Sessão Solene os seguintes Deputados Municipais: -----

----- Abílio Martins Ferreira, Álvaro António de Vasconcelos, Álvaro Manuel Ferreira Costa Flor, Ana Bela Burt Magro Pires Marques, Ana Maria Conceição Gonçalves, Ana Maria Lopes Páscoa Baptista, Ana Sara Cavalheiro Alves de Brito, Aníbal Jorge Dias, António Augusto Pereira, António da Conceição Tavares, António Joaquim Costa Cunha, António José Amaral Ferreira de Lemos, António Manuel Dias Baptista, António Manuel Pimenta Prôa, António da Silva, Armando Dias Estácio, Artur Miguel Claro Fonseca Mora Coelho, Carlos Alberto de Carvalho Alves Correia, Carlos Alberto Rodrigues dos Santos, Carlos Filipe Marques Lima, Carlos Manuel Marques da Silva, David Rua de Castro, Deolinda Carvalho Machado, Diana Sofia Almeida Barroso Soares, Domingos Alves Pires, Ermelinda Lopes da Rocha Brito, Eduardo Manuel Vieira Pereira Marques, Eduardo Manuel Reis Vieira, Feliciano Marques Martins da Cruz David, Fernando Manuel Dionísio Saraiva, Fernando Manuel Pacheco Ribeiro Rosa, Fernando Pereira Duarte, Fernando Pinto Trindade, Francisco David Carvalho da Silva Dias, Francisco José da Silva Oliveira, João de Deus Gomes Pires, João Jofre da Fonseca Costa, Joaquim António de Oliveira, Joaquim António Canelhas Granadeiro, Joaquim José Miranda Sarmiento, Jorge Manuel Damas Martins Rato, Jorge Manuel Rocha Ferreira, José das Neves Godinho, José Filipe de Mendonça Athayde de Carvalhosa, José Gonçalves Levita, José Luís Teixeira Ferreira, José Manuel Cal Gonçalves, José Maria Valente, José Miguel Nunes Anacoreta Correia, José Rui Roque, Luís Ângelo da Silva Campos, Lourenço Ramos Bernardino, Manuel Albino Rodrigues, Manuel Fernando Dias de Almeida, Manuel Nuno da Costa Estorninho, Maria Custódia Barbosa Fernandes Costa, Maria de Lurdes Jesus Pinheiro, Maria de Lurdes Teixeira Queiroz, Maria Eulália Gomes Frazão, Maria Cândida Rio Freitas Cavaleiro Madeira, Maria do Céu Cunha Menezes Fazenda, Maria Graça Barata Niny Mexia, Maria Irene dos Santos Lopes, Maria Luísa Bulhões Silva Castelhana Sabino, Maria Luísa Rodrigues Neves Vicente Mendes, Martinho José Baptista, Nelson Pinto Antunes, Nuno Manuel Pereira Baltazar Mendes, Nuno Roque, Orlando Bento Antunes Claro, Paulo Alexandre Silva Quaresma, Paulo Manuel Bernardes Moreira, Pedro Manuel Portugal Botelho Gaspar,

Ramiro Nelson Cardoso Silva, Rodolfo José Caseiro, Rodrigo Jorge de Moctezuma Seabra Pinto Leite, Rodrigo Maria Santos Mello Gonçalves, Rogério da Silva e Sousa, Rosa Maria Carvalho da Silva, Rui Manuel Lobo Gomes da Silva, Rui Manuel Pessanha da Silva, Rui Paulo Silva Soeiro Figueiredo, Rui Pereira Caeiro, Sérgio Lipari Garcia Pinto, Valdemar António Fernandes de Abreu Salgado, Victor Manuel Dias Pereira Gonçalves, Vítor Manuel Alves Agostinho, João Gordo Martins, Nelson Miguel Rodrigues Coelho, Levi Marques Santos, Duarte Facco Vianna Álvares de Calvão, Sérgio Rui Lopes Cintra, Esmeraldo de Oliveira Cruz, Maria Inês dos Santos Viola, José Dimas Bernardes Salsinha, Flávio Freitas Rodrigues Fonte, José Domingos Pereira Gonçalves, Jorge Napoleão Garcia Inácio. -----

----- Abriu a Sessão Solene o **Senhor Presidente da Assembleia Municipal**, que fez a seguinte intervenção: -----

----- Exm^o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Pedro Santana Lopes -----

----- Exm^o Senhor Presidente da Direcção da Associação 25 de Abril, Coronel Vasco Lourenço, militar de Abril que aqui saúdo, nesta Assembleia democrática que existe porque houve uma Revolução em 1974 -----

----- Exm^{os} Senhores Representantes dos Grupos Municipais e Representantes dos Partidos Políticos -----

----- Exm^{as} Senhoras e Senhores Vereadores -----

----- Exm^{as} Senhoras e Senhores convidados -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----

----- Em primeiro lugar, quero agradecer, em meu nome e em nome da Assembleia Municipal, aos Senhores oradores, por terem acolhido favoravelmente o nosso convite para participar nesta sessão solene comemorativa dos 30 anos do 25 de Abril. -----

----- Agradeço também a presença das Senhoras e Senhores Vereadores, dos eleitos das freguesias, de todos os convidados e municípios presentes. -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

----- É já possível, à distância de trinta anos, consensualizar que a Revolução de 25 de Abril de 1974 é o acontecimento libertador com maior duração e desenvolvimento na sociedade portuguesa. A revolução de 1383/85, a restauração da independência em 1640, a revolução liberal de 1820 e a instauração da República em 1910, são outros acontecimentos fundamentais da história de Portugal, como prolongamentos vitais da conquista da nacionalidade e da sua afirmação popular e patriótica. -----

----- Estes foram clarões ímpares na história do nosso país, logo seguidos de períodos imensos, de apagada e vil tristeza, de abandono do essencial que era necessário cumprir, na esteira de levantamentos populares inolvidáveis, em que a coragem e a generosidade do povo português mereciam melhor sorte e soluções adequadas aos seus anseios, expectativas e propostas. -----

----- Em 1958, nas eleições para a Presidência da República, a campanha de Humberto Delgado personificou o profundo descontentamento e a revolta contra o regime fascista, marcando indelevelmente o futuro de Portugal. Seguiram-se a repressão salazarista, a emigração em massa para a Europa e a guerra colonial - e a luta

clandestina e semi-clandestina dos trabalhadores, dos estudantes e de todos os democratas, que teve os seus pontos mais altos em 1962 e 1963. -----

----- O ano de 1969 foi, para muitos milhares de portugueses, provavelmente o sobressalto maior, de coragem e de afirmação de um povo, renunciando o que veio a acontecer em Abril de 1974. Homens, mulheres e jovens, trabalhadores e estudantes, tinham crescido imenso nessa década e introduziram na vida de todos nós a vontade profunda de mudar para outra coisa que não fosse ignorância, atraso, tristeza e exploração desenfreada. -----

----- Desse ano, ficaram experiências vitais, organização e vontade imensa de derrubar o fascismo, que criaram condições para que muitos militares das forças armadas ganhassem consciência, em Portugal e em África, que era necessário construir um novo destino para este país e este povo. -----

----- Podemos dizer, hoje, que houve vários caminhos que foram percorridos nesses anos, de 1969 até 1974, em que a repressão se acentuou, a nossa vida ficou mais vigiada e perigosa, mas a luta das forças revolucionárias e democráticas e dos movimentos de libertação em África teve novos desenvolvimentos, assim como a consciência cívica e moral de civis e militares foi crescendo, para que fosse realizada a Revolução de 25 de Abril, que alguns queriam controlar e jugular antes de acontecer. -----

----- Naquele primeiro dia das nossas vidas em liberdade, a coragem imensa dos militares de Abril, dos quais permitam que destaque, e aqui recorde, Salgueiro Maia, pela ética e nobreza do seu carácter, teve resposta digna e exemplar do povo desta cidade, finalmente corajoso e límpido, a conduzir, com os militares democratas e revolucionários, o golpe que estava a ser dado no fascismo para uma imensa revolução de ruas cheias de gente, de gritos e abraços, de participação heróica e de comoções inolvidáveis. Foram dias imensos de coragem, de amizade, de destruição de um regime que não teve, naquelas horas decisivas, o mínimo de nada que não fosse cobardia e fuga. -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

----- Sabemos que, a uma imensa esperança, a tantos acontecimentos notáveis, se vem sucedendo, ano após ano, um pouco mais de destruição de Abril e da nossa vontade de progredir em liberdade e democracia. Não há outro caminho positivo, para este país e para este povo, que não seja o da vida democrática e participada, do trabalho produtivo e criador, da reafirmação ética e moral dos valores fundamentais do país e da Constituição da República. Mas é um facto que perdemos imenso em dignidade e gosto de viver, em trabalho com direitos e enriquecedor, em práticas que nos elevem à situação de seres dignos e orgulhosos da condição de humanos e de construtores do que de mais elevado nos é exigido, na nossa vida quotidiana e na história deste país que temos de continuar a erguer. -----

----- Uma questão fundamental é a da participação activa e cidadã, entre cada acto eleitoral. E, essa questão, cabe a todos nós ajudar a resolver, os eleitos e os não eleitos, que afinal somos todos eleitos da democracia e do amor à liberdade, à paz e ao futuro. Nestes dias de festa e de reflexão tantas vezes pouco aprofundada, cabe-nos a

todos dar mais passos no sentido de recuperar a esperança, de privilegiar a ética e a honra, para que a palavra que empenhamos seja sempre dignificadora e única, a que corresponde à nossa natureza de cidadãos que têm ou não têm partido, mas que sabem assumir as suas responsabilidades quotidianas e históricas com uma só cara - a da vontade imensa de continuar a construir Abril, trinta anos depois, no sentido daquela pureza inicial que nos fazia sorrir e correr para o lado dos outros, os que finalmente eram nossos irmãos no sonho, na utopia e na vontade imensa de rasgar horizontes sem fim. Queremos criar bem-estar e trabalho para todos, construir a independência económica, social, política e cultural deste povo e com este povo, que aí está, e aí estará, com certeza, apto a ser de novo corajoso e a romper com o passado mais antigo ou mais recente. -----

----- Amamos Portugal e amamos a democracia, a liberdade e os direitos fundamentais que é necessário e urgente repor e reconstruir. Estamos com o povo de Lisboa, desta cidade digna e corajosa, que saberá sempre encontrar o seu destino maior, ao lado do país, no caminho da participação democrática e da transformação histórica e decisiva que é necessário levar a cabo, de novo e sempre. -----

----- Hoje, torna-se necessário reflectir sobre o papel fundamental do poder local democrático na construção da democracia, em especial dos órgãos deliberativos, para que não sejam mais esvaziados de poderes e conteúdos, para que deixem de os atacar e desvalorizar, para os defendermos e impulsionarmos no sentido de uma maior participação dos eleitos, das populações e instituições representativas da cidade em que vivemos. E quero aqui saudar, nesta sessão solene de comemoração de Abril, a participação decisiva dos eleitos de todos os Grupos Municipais, no dia-a-dia da Assembleia e das Comissões Permanentes e Eventuais, como quero saudar a cooperação institucional com a Câmara Municipal de Lisboa e com todos os órgãos autárquicos da Cidade. Sem esquecer um agradecimento muito especial e profundo aos trabalhadores da Assembleia Municipal, pela actividade intensa e dedicada que desenvolvem connosco, para bem de Lisboa e do seu futuro. -----

----- “Não há machado que corte a raiz ao pensamento”, cantávamos naqueles dias e noites antes do 25 de Abril de 1974, em Caxias, já sem medo dos guardas, dos vigilantes nos corredores e nas guaritas que cercavam a prisão. Tal como era premonitório o cravo vermelho que vinha sempre junto com as encomendas que as famílias nos faziam chegar, quando para isso eram autorizadas. Ter memória é fundamental para avançar. E, digo-vos, como podereis dizer do mais límpido dos vossos cérebros e corações, que é mil vezes melhor estar livre, que é infinitamente mais compensador e estimulante, sempre, combater em liberdade e erguer, nas diferenças que nos caracterizam e legitimam, um Portugal democrático, digno e maior que todos ansiamos e merecemos. -----

----- Muito obrigado pela vossa atenção. -----

----- **O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa**, fez a seguinte intervenção: -----

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Excelência -----

----- Senhor Presidente da Associação 25 -----

----- Senhores Deputados Municipais -----
----- Senhores Vereadores -----
----- Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia -----
----- Múncipes de Lisboa presentes -----
----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----
----- A Câmara Municipal participa com honra e satisfação nesta cerimónia evocativa dos 30 anos do 25 de Abril. -----
----- Procuramos estar todos presentes, apresento desculpas em nome do Vereador Pedro Pinto que, por doença, não pode estar presente, e é o único Vereador que falta. --
----- Permitam-me também, tal como o Sr. Presidente da Assembleia Municipal, uma saudação particular ao Sr. Coronel Vasco Lourenço, representante daqueles que levaram a cabo a revolução que restituiu a liberdade a este País. -----
----- Ao longo de quase nove séculos de história pátria, Lisboa tem sido cenário de acontecimentos altamente relevantes que marcaram o rumo de Portugal, nos quais a participação e o apoio do povo desta Cidade tiveram um papel determinante. -----
----- Foi assim na crise de 1383-85, quando os homens-bons de Lisboa, reunidos na Casa dos Vinte e Quatro, foram decisivos no apoio ao Mestre de Aviz para garantir a independência de Portugal face à Coroa de Castela. Foi-o também em 1640, no Terreiro do Paço, quando de novo a nossa independência esteve ameaçada de ser submetida aos interesses de Espanha. Foi-o ainda em 1910, na instauração da República, iniciada na Rotunda e proclamada na varanda dos Paços do Concelho, que os republicanos haviam já conquistado nas urnas na última fase da Monarquia. Foi-o, finalmente, a 25 de Abril de 1974, no Largo do Carmo, local simbólico da agonia de um regime autoritário e da alvorada de um novo Portugal democrático. -----
----- Devemos, por isso, uma palavra calorosa de louvor e de agradecimento a todos aqueles que tudo fizeram para dar a todos os portugueses um país mais livre, mais justo, mais solidário. -----
----- Deste modo, se o 25 de Abril é uma data nacional, não deixa de ser também uma data de Lisboa. E, nessa perspectiva, mais do que uma evocação histórica ou um desfiar de reminiscências que não deixarão de ser feitas neste período festivo, gostaria sobretudo de acentuar, nas minhas palavras, a importância e as consequências da Revolução de 1974 na vida de Lisboa e do seu Município. -----
----- Passada a fase de transitoriedade resultante da demissão de todas as Câmaras Municipais do país, da sua substituição por comissões administrativas municipais e da subsistência de um regime legal de administração local inadequado às novas circunstâncias, a reestruturação do poder local somente se efectivou após a aprovação da nova Constituição Política, votada a 25 de Abril de 1976. -----
----- Em consequência disso, foram as primeiras eleições de órgãos autárquicos, realizadas em 12 de Dezembro do mesmo ano, que marcaram o início da primeira fase da vida da administração local depois do 25 de Abril, caracterizada pela transição dos municípios estruturalmente dependentes da administração central para o modelo de verdadeiras autarquias locais. -----

----- Assim, se 25 de Abril de 1974 constituiu o início do caminho da democratização de Portugal, 12 de Dezembro de 1976 significa a entrada em vigor de um sistema de administração autárquica democrática, com todos os seus órgãos eleitos por sufrágio directo dos munícipes, e dotada de competências e atribuições com base no princípio da descentralização administrativa e na autonomia financeira das autarquias. -----

----- Deste modo, dispõe Lisboa, desde 1977, de órgãos de governo eleitos: uma Assembleia Municipal, uma Câmara Municipal e Juntas de Freguesia. E apraz-me registar como os munícipes têm dignificado o seu dever cívico de participar na escolha dos seus autarcas, não só acorrendo às urnas em elevadas percentagens, mas também manifestando de forma explícita o seu sentido crítico, como bem o demonstra a alternância de poder que se tem verificado na Câmara Municipal de Lisboa desde 1977 até hoje, em que todos os principais partidos do nosso espectro político já exerceram funções executivas. -----

----- Sinal da vigilância atenta dos eleitores que não duvidam em mudar de mandatários quando não se sentem bem representados e aviso aos autarcas que aspiram a renovar os seus mandatos de que não há lugares cativos na administração municipal. Menos ainda a partir de agora quando, pela próxima revisão constitucional, os mandatos sucessivos dos autarcas deverão passar a ter limites no tempo. -----

----- Senhor Presidente, Senhoras e Senhores -----

----- Se a efeméride que assinalamos é motivo de jubilosa comemoração, deve também ser pretexto de uma profunda reflexão. -----

----- Se, olhando para trás, vemos como foi vasto o caminho percorrido nestes últimos trinta anos, como foram grandes as conquistas alcançadas, como foi aperfeiçoado o nosso sistema político-constitucional, devemos também reflectir sobre as metas ainda não alcançadas, sobre o que, na nossa ordem jurídica e na nossa vivência colectiva, falta ainda corrigir, desenvolver, completar. -----

----- Penso que, a este propósito, vale a pena dizer uma palavra sobre o problema da participação na vida pública, prevista no âmbito dos artigos 267º e 268º da nossa Constituição, que creio está longe ainda de ter atingido a dimensão que poderia e deveria ter. -----

----- A participação dos cidadãos na vida política e administrativa do país ou das autarquias não deve fazer-se exclusivamente através dos partidos políticos nem deve limitar-se ao exercício periódico do dever cívico de votar. -----

----- A tão reclamada reforma do sistema eleitoral, permitindo a apresentação de candidaturas independentes, a institucionalização do recurso ao referendo, a multiplicação das associações cívicas e de moradores, o incentivo da participação dos munícipes nos instrumentos à sua disposição, como a intervenção em reuniões públicas ou o uso do direito a serem informados, tudo são formas sobre as quais se torna necessária uma acção pedagógica dos responsáveis políticos, chamando a atenção para os direitos e garantias – e também dos deveres – dos cidadãos e incentivando-os ao uso dos mecanismos de intervenção à sua disposição. -----

----- Como advertiu um dia alguém cuja memória ficará indelevelmente ligada a esta Assembleia Municipal, o seu saudoso Presidente Dr. João Amaral, antecessor de V.

Exa. Sr. Presidente, “o mandato não torna o eleitor um ser irresponsável, a eleição não transfere as responsabilidades da cidadania” e “é tempo de assumir que o Estado paternalista não existe e não deve existir”. -----

----- Uma democracia mais participada, uma cidadania mais vivida, uma responsabilidade colectiva mais compartilhada, são, a meu ver, objectivos a desenvolver nesta quarta década pós-25 Abril que começamos agora a trilhar. -----

----- Creio, Senhor Presidente, Senhores Deputados, Senhores Vereadores, Senhores Presidentes de Junta, que os 27 anos de experiência democrática do Município de Lisboa, quer no âmbito da Câmara Municipal, quer nas relações entre esta e a Assembleia Municipal e as Juntas de Freguesia, têm em seu favor um saldo altamente positivo, de que nos podemos orgulhar. -----

----- Graças ao sentido das responsabilidades de cada qual e ao propósito a todos comum – o bem da Cidade e dos Municípios –, tem sido possível o diálogo construtivo e a obtenção de soluções consensuais que têm permitido levar a cabo os grandes objectivos propostos por cada executivo municipal. -----

----- Presto aqui a minha homenagem aos Presidentes eleitos da Câmara Municipal de Lisboa, Eng^o Aquilino Ribeiro Machado, Eng^o Nuno Krus Abecasis, Dr. Jorge Sampaio e Dr. João Soares e honro-me de ser mais um elo nessa corrente de Presidentes do Município da capital do Portugal democrático. Tal como presto a minha homenagem a todos os Presidentes da Assembleia que antecederam V. Exa. E também ao Sr. Presidente que ora ocupa estas funções. -----

----- Tal como eu procuro fazer, todos eles, os que me antecederam, imprimiram a sua marca pessoal e as suas concepções próprias na gestão da autarquia – e, por essa soma de contributos, a nossa cidade, Lisboa, foi estando, vai estando cada vez mais e melhor preparada para enfrentar os desafios do futuro e corresponder às aspirações dos seus habitantes. -----

----- Todos desejamos que a Lisboa do século XXI seja, cada vez mais, como metrópole e como capital, um exemplo de convivência, de tolerância, de solidariedade, atenta às necessidades dos seus municípios, dos que chegam de fora para aqui se fixar e também dos que, espalhados pelos cinco continentes, estão pelos laços da língua, da cultura e de um passado compartilhado ao longo de séculos, indissolivelmente ligados ao nosso país e à sua capital. Julgo que a História reclama de nós que não nos desinteressemos dos seus destinos. -----

----- Queremos, enfim, que a Lisboa que estamos a continuar e a desenvolver seja a capital ideal do país ideal pelo qual se bateram aqueles que há trinta anos aqui começaram a projectar o Portugal novo com que sonharam. -----

Viva Lisboa! Viva o 25 de Abril! Viva Portugal! -----

----- **O Senhor Presidente da Associação 25 de Abril**, Coronel Vasco Lourenço, fez a seguinte intervenção: -----

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa -----

----- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----

----- Senhores Autarcas -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----

----- Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite que, em nome da Associação 25 de Abril, recebi para aqui estar presente, convite que muito nos honra por estarmos junto dos representantes de uma das principais conquistas, um dos principais resultados, que é o Poder Autárquico Democrático, ainda por cima na Cidade de Lisboa, onde, como o Sr. Presidente da Câmara teve oportunidade de referir também, há 30 anos tudo se decidiu. -----

----- Foi há 30 anos. A Liberdade saiu à rua. Foi o tempo de todos os sonhos, de todas as lutas. Foi o tempo da renovação da sociedade portuguesa, da concretização dos desejos. Foi o tempo do fim da guerra e da construção da paz. -----

----- Estes foram 30 anos estimulantes de transformação de um país rural, retrógrado, conservador, ditatorial, pluricontinental, num Portugal livre, democrático e membro de pleno direito da comunidade internacional. -----

----- Ao olhar para trás, os que protagonizaram a liberdade ter-se-ão sentido realizados. Abriram as portas e o país soube corresponder. -----

----- Desenvolveu-se; libertou-se do isolacionismo e juntou-se à Europa mais moderna; contribuiu para a independência dos novos países lusófonos; implementou a democracia, a liberdade de imprensa, o Estado de Direito, o Poder Autárquico Democrático, a separação de poderes, o respeito pelos Direitos do Homem e do ambiente; homens e mulheres ganharam estatutos de igualdade de direitos e deveres; os trabalhadores conquistaram um estado social; a educação, a habitação, a saúde e o trabalho passaram a constituir direitos universais constitucionalmente defendidos; liberalizou-se o divórcio; garantiu-se o acesso e o direito de escolha no planeamento familiar; ganhou-se direito de liberdade religiosa. -----

----- Desenvolveu-se uma impressionante rede de infra-estruturas de comunicação rodoviárias e de telecomunicações fixas e móveis; melhoraram-se as infra-estruturas portuárias, aeroportuárias e ferroviárias. -----

----- Os números da alfabetização e a escolaridade obrigatória subiram vertiginosamente, enquanto a mortalidade infantil descia para números de países desenvolvidos. -----

----- Portugal deixou de ser apenas um país exportador de mão-de-obra, para acolher centenas de milhar de pessoas que aqui buscam bem-estar para si e para os seus. -----

----- Tudo isto, todas estas transformações, conseguidas num assinalável clima de paz social, de civismo e de razoável respeito pelos valores mais nobres da nossa civilização. -----

----- Porquê, então, hoje, um crescente desânimo que se vem apoderando dos Portugueses, um cada vez maior desconsolo com o estado de coisas, que vivemos no dia a dia? -----

----- Porquê a sensação crescente de que, afinal, é capaz de não terá valido a pena? ----

----- Certamente, porque ao que faltará ainda alcançar, se vem juntando uma clamorosa deturpação dos resultados da prática democrática. -----

----- Faltará que o exercício da cidadania seja pleno e mais alargado; faltará que a justiça e a saúde sejam efectivamente céleres e eficazes. Faltará que o trabalho, a educação e a cultura sejam universais. Faltará o civismo que diminua a violência nas

estradas, a cultura de rigor e seriedade que impeça as pontes de cair. Faltará que o desenvolvimento do território seja universal e menos desequilibrado do que é hoje. Faltará criar condições de atracção para as nossas elites académicas que continuam a contribuir para o desenvolvimento dos outros porque, entre nós, todas as portas lhe vêm sendo fechadas. Faltará modernizar a administração pública, modernizar as empresas, recuperar e valorizar o património construído e ambiental. Faltará limpar as chagas da violência sobre os mais frágeis, como o trabalho infantil, a violência doméstica, ou a exploração dos imigrantes. -----

----- Estas faltas só serão, no entanto, colmatadas se todos usarmos o nosso direito de cidadania, ocuparmos o lugar que nos pertence e não esperarmos que outros o façam por nós. -----

----- Não podemos deixar que nos substituam nem que alguém assuma as nossas responsabilidades. Temos todos que participar, opinar, contribuir. -----

----- Temos que acreditar em nós, para nos orgulharmos do que somos capazes de fazer. Temos que fazer da política a prática da boa condução do povo; dos governos, o melhor dos melhores; da soberania dos cidadãos, a base do poder. -----

----- Não vale a pena culpar os outros pelas situações que lamentamos. -----

----- Não vale a pena incriminar os outros pela reprodução de situações de profundas injustiças sociais e de grupos excluídos; pela criação de novos caudilhismos locais e regionais, de contra-poderes perversos no campo económico e dos *mass media*; pelo reaparecimento do velho estado caduco, burocrático e ineficiente, ainda que procurando cobrir-se de novas roupagens; pela reintrodução de Portugal numa guerra agressora, que não responde ao flagelo do terrorismo e se transforma, ela própria, num outro tipo de terrorismo. -----

----- Se cada dia todos nos tornarmos mais conhecedores, mais cultos, mais participantes, mais exigentes, mais empenhados e mais determinados, estaremos a assumir o nosso papel de cidadãos e a cumprir o nosso compromisso, inalienável, com a liberdade que transportamos. -----

----- Com todos, sem exclusões nem auto-isolamentos, é que pode construir-se uma sociedade melhor. Será um empenhamento longo, árduo, cheio de escolhos. Mas será, no fundo, a justificação da vida, da cidadania, da razão de ser. -----

----- 30 anos depois do 25 de Abril esperamos, com ansiedade, o despertar da juventude de cada tempo, para continuar o que então iniciámos. Com coragem, dignidade e generosidade. Com a persistência da sua vontade. Com o triunfo da sua inteligência e da sua capacidade. É um trabalho que nunca termina. Que não admitirá cansaços nem desistências. Que criará novos desafios, que exigirá adaptações e renovadas formas de participação. Mas cujo triunfo se medirá pelos pequenos triunfos do dia-a-dia, de cada um de nós. -----

----- Ficaremos então, nós os que estivemos e somos do 25 de Abril, orgulhosos do que tivemos oportunidade de fazer. Porque os nossos filhos e netos, todos os jovens dos novos tempos, compreenderam o papel que têm que desempenhar. -----

----- Viva o 25 de Abril, Viva Portugal. -----

----- **O Deputado Municipal António Tavares (PSD)**, fez a seguinte intervenção: -----

----- Exmo. Senhor Presidente da Mesa da Assembleia -----
 ----- Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----
 ----- Exmo. Senhor Presidente da Associação do Movimento 25 de Abril, Coronel Vasco Lourenço -----
 ----- Exmos. Senhores Vereadores -----
 ----- Prezados Deputados -----
 ----- Minhas Senhoras e meus Senhores; -----
 ----- Augusta Assembleia -----
 ----- É com regozijo e incomensurável satisfação que tomo a palavra para tecer algumas considerações em volta daquele que foi para todos nós, o dia da Liberdade e Salvação, não obstante às múltiplas tentativas de o esvaziar. Perante um regime de ditadura atroz e ardilosa num contexto da nossa história comum. -----
 ----- Sinto-me sinceramente reconhecido e privilegiado ao ser empossado, embora por breves minutos, como porta-voz de todos aqueles e aquelas que, de uma maneira ou de outra, deram suas vidas para salvar as nossas; e de outros milhões que em consequência ficaram lesados física ou moralmente, mas que a história registou com todo respeito seus esforços inigualáveis. -----
 ----- Senhoras Deputadas, Senhores Deputados -----
 ----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----
 ----- Fui indigitado, talvez mesmo pela história, a me pronunciar e exprimir, com o respeito e objectividade que lhe é devido, sobre os 30 anos passados desde o célebre 25 de Abril de 1974. -----
 ----- Para os portugueses, sem dúvida, o 25 de Abril representa o quebrar da opressão, o derrube do paredão que os separavam do mundo novo e a abertura de portas e janelas que permite, hoje mais do que nunca, o acesso à prosperidade num mesmo diapasão no contexto das grandes nações do mundo. -----
 ----- Enquanto para os povos colonizados, em particular os africanos reflectidos na imigração da nossa realidade quotidiana, seus destinos deu lugar à dúvida que teima em instalar-se quanto à sorte que a história os reservaria sem o 25 de Abril de 1974. --
 ----- O dia 25 de Abril de 1974 encerra consigo uma verdade e uma experiência que é a vontade de Liberdade dos povos, na sua marcha da conquista de valores, como a democracia, os Direitos Humanos, a prosperidade das nações, o desenvolvimento sustentado e combate contra o imperialismo neo-globalizado. -----
 ----- No mundo hodierno, vivemos, entre fatalidade e os propósitos intencionais dos homens e dos governos, muitos povos e várias nações, ainda andam à procura do seu 25 de Abril, porque aqueles povos que não tomaram consciência da sua realidade e destino, permanecem inertes e prisioneiros do marasmo moral, económico e político imposto a ferro e fogo pelos mentores de uma eventual nova ordem mundial em que se confunde a lógica do terrorismo e Força da Razão da Justiça, face aos problemas que a humanidade se confronta. -----
 ----- Senhoras Deputadas, Senhores Deputados -----
 ----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----

----- A finalidade deste discurso não é só de elogiar ou de criticar. Pois, não seria eu talvez a pessoa mais indicada para o efeito. O objectivo é sim de fazer recordar as forças políticas e os seus dirigentes aqui presentes, e a sociedade civil em geral, a responsabilidade que nos é legada e a urgência que se lhe impõe de se fazer uma abordagem mais contundente dos nossos desafios sobre o futuro e corrigir aquilo que estiver errado no convívio entre nós e as demais comunidades imigrantes que reflectem as heranças da nossa história comum. -----

----- Como se tem dito: “A reflexão sobre o passado é uma das armas essenciais para o domínio do presente e a previsão do futuro.” -----

----- É verdade! O 25 de Abril de 1974, influenciado grandemente pelo Movimento de Abril dos Militares, deu aos Portugueses e Povos colonizados e oprimidos, a independência política dos seus países. -----

----- É um dever moral e um imperativo de Portugal, dadas as suas responsabilidades históricas, estabelecer com os países de língua oficial Portuguesa (Palop's) uma sã convivência regrada na lógica de princípios de boa governação e responsabilidades nas relações de Estado a Estado na defesa do bem-estar dos povos. -----

----- Os imigrantes constituem para nós uma nova realidade e desafio, são hoje o novo mosaico do tecido da sociedade portuguesa, o Estado deve criar condições para que as comunidades imigrantes se sintam parte integrante do processo de desenvolvimento que o país tem encetado desde o 25 de Abril, e não parte discriminada de toda uma sociedade Lusa em construção. Porque acreditamos ser esse também o alcance do espírito dos homens que nortearam o 25 de Abril, devemos todos nós otimizar as mais valias de cada franja imigrante que é composta a nossa realidade imigrante, encorajando, por um lado, o Governo nas suas tomadas de decisão que visem uma integração digna e, por outro lado, a comunidade imigrante deverá ser cada vez mais responsabilizada pela natureza do seu convívio são ou não, no enquadramento das normas da sociedade em que ela se está a inserir aceitando entre outras, as outras culturas sem perder de vista a face multicultural que se vai gerando na sociedade. -----

----- Desta tribuna, deveremos todos emitir uma mensagem de realismo optimista. Devemos todos nós, ver o combate contra o terrorismo como uma prioridade não só dos governos, mas de toda a sociedade civil, devemos defender sem rodeios as bases seculares de uma boa convivência entre as várias nações sem nos esquecermos de tirar as lições da história passada e presente, para com isso defendermos melhor as futuras gerações. -----

----- Honra e glória a todos quantos derramaram o seu sangue por nós no 25 de Abril de 1974, e de todos aqueles e aquelas que continuam a bater-se para que os objectivos do 25 de Abril não sejam atropelados e que a vitória da justiça e da Democracia “seja também uma realidade” no continente africano. -----

----- Viva Portugal, Viva a Lusofonia -----

----- **O Deputado Municipal Martinho Baptista (PCP)**, fez a seguinte intervenção: -

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa -----

----- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----

----- Senhores Vereadores e Vereadoras -----

----- Senhor Presidente da Associação 25 de Abril, Coronel Vasco Lourenço -----
----- Senhores Deputados e Deputadas Municipais -----
----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----
----- Afirma-se que na história da Humanidade houve dias que valeram muitas
centenas de anos e muitos anos que não valeram um destes dias. -----
----- Com o tempo que disponho é difícil expressar o que representou o 25 de Abril e
o que se transformou na sociedade portuguesa nesses gloriosos dias da Revolução. ----
----- O levantamento militar do dia 25 de Abril derrubou o Governo fascista e com o
levantamento popular que se lhe seguiu, transformou-se em Revolução e destruiu o
regime fascista que, durante meio século, oprimiu o Povo Português. -----
----- Restituídas as liberdades, em Portugal, necessário se tornava acabar com o
Império Colonial, porque não pode ser livre o Povo que oprime outros Povos. -----
----- Portugal era um País Colonial e ao mesmo tempo colonizado pelo grande capital
nacional e internacional que explorava o Povo Português e os Povos das Colónias. ----
----- O regime fascista foi de facto uma ditadura terrorista dos monopólios e dos
latifundiários. -----
----- Meus Senhores e minhas Senhoras -----
----- Não é saudosismo, nem revivalismo visitar um passado tão recente da nossa
história. -----
----- Para nós o que se passou nos primeiros 2 anos foi essencial, valeu e ainda vale a
pena hoje passados 30 anos. -----
----- A Revolução Portuguesa é uma Revolução inacabada. -----
----- Tudo o que foi conquista e transformação, mesmo que tenha regredido, foi
experiência histórica, são valores e elementos que persistem, quer se queira ou não, na
nossa sociedade, no nosso povo. -----
----- Os que nasceram em 25 de Abril ou após, não conheceram a ditadura, os
malefícios da servidão e do exílio, nem as prisões arbitrarias, a tortura, e o assassinato
político, o lápis censório e o subdesenvolvimento cultural e social generalizado. Tudo
o que sabem dessa época lhes chega relatado, de forma indirecta, pelos mais velhos. --
----- Embora muito pouco seja feito pelos poderes instituídos, e por vezes até seja
deturpado, pelo ensino ou pelos *media*, a assimilação do sistema democrático tornou-
se, para as novas gerações, tão natural como o ar que respiram. -----
----- Importa, por isso, que os valores de Abril lhes sejam transmitidos com fidelidade,
sem falsificações ou branqueamentos, para que, não obstante as eventuais provações
do presente, confiem em que haverá sempre oportunidades redentoras a justificar um
continuado empenhamento no futuro do País. -----
----- É facto que a Democracia frutificou e em quase todos os domínios, o progresso
alcançado relativamente a 1974 foi espectacular. Apesar disso, existe um clima
bastante generalizado de insatisfação, pela consciência de que se ficou, não apenas
aquém do desejável, mas, sobretudo, longe do que se poderia ter atingido. -----
----- Muito do que foi alcançado regrediu, mormente nos últimos anos em que a
direita conquistou o poder. -----

----- Já recuperadas as alavancas económicas, nomeadamente a Banca e os Seguros e outros sectores estratégicos pelo grande capital monopolista, através do processo das privatizações. -----

----- Os sucessivos governos que desenvolveram tal política, levaram à actual subordinação do Poder Político pelo Poder Económico-Financeiro. -----

----- As estratégias baseadas em formulações fundamentalistas neo-liberais, abusivamente retiradas das noções de competitividade, de modernidade; da suposta excelência do privado sobre o público; da libertação da sociedade civil; do menos Estado, melhor Estado e outras retóricas do género, repetidas até à náusea, de molde a preparar os espíritos para a boa nova da perda ou restrição de direitos já adquiridos, no plano cívico, social, cultural e ambiental. -----

----- Por isso, comemorar Abril é resistir é continuar a lutar. Só o pode verdadeiramente festejar quem continua a persistir nos seus valores e ideais de transformação e mudança e não invocando-o quando, ao mesmo tempo, os renega nas suas práticas de poder. -----

----- E são estas forças que, mais uma vez, revendo a Constituição, retiram, sob o nome de “Reforma do Sistema Político”, princípios e conquistas democráticas e sociais instituídas pelo 25 de Abril: -----

----- O princípio da proporcionalidade nas eleições e imposição de composições maioritárias nos órgãos executivos das Autarquias; -----

----- A imposição de normas de funcionamento internas nos Partidos Políticos e formas de financiamento, tentando tudo para enfraquecer, toda e qualquer oposição ao sistema bipolar e de alternância que hoje impera e se quer perpetuar. Em 28 anos de Governos alternantes fizeram de Portugal o País em que os ricos são cada vez mais ricos ao mesmo tempo que a aumenta novamente a pobreza e há fome em Portugal. ---

----- Consagrar a retirada de Direitos e Liberdades, aos trabalhadores, Direitos Sindicais, de Controlo de Gestão; de restrições no Direito à Greve; e outras com o chamado Código do Trabalho, desequilibrando completamente a correlação de forças em favor do poder Patronal. -----

----- Hoje, sub-repticiamente, já se permite o *lock-out* ao Patronato através da Lei das Falências; -----

----- Alterando o primado das suas Funções Sociais, o Estado retrocede em direitos e conquistas essenciais: Educação; Saúde; Segurança Social; até no Passe Social, entre outros. -----

----- E tudo isto faz parte da grande ofensiva destas forças contra o Regime Democrático saído do 25 de Abril. -----

----- Os graves problemas que o País atravessa não se devem à Revolução do 25 de Abril, mas sim ao distanciamento, aos ataques e regressões que sofreram as transformações que esta produziu. -----

----- As debilidades económicas e dependência de Portugal, em resultado da destruição do aparelho produtivo, em que o caso mais recente da Bombardier-Sorefame é paradigmático, o estado em que se encontra a agricultura, a indústria e as pescas em consequência das políticas fundamentalistas neo-liberais impostas pelas

grandes potências da União Europeia, levam também à grave situação social que vive a população portuguesa: -----

----- Portugal é o País com maior desigualdade social e pobreza, em 10 milhões de habitantes, temos 2 milhões são pobres, isto é resultado da desigualdade na distribuição da riqueza. Em 2002, 50% da população portuguesa recebe apenas 24,7% do rendimento distribuído no País, enquanto os 10% mais ricos recebem 29% do rendimento total. É uma desigualdade que se tem agravado, é chocante e desumana. Aumenta dramaticamente o desemprego e a precariedade. -----

----- Trinta anos após o 25 de Abril, estamos melhor? Estamos. -----

----- Mas no contexto da história desde então percorrida, verificamos que os sucessivos Governos, aceleraram processos de retrocesso social, económico e cultural, colocando o País, em vários domínios, na cauda da Europa. -----

----- É preciso voltar a assumir os desígnios de Abril, nunca baixar os braços e neste aniversário participar, mais uma vez, por homenagem ao MFA, e aos que lutaram pela liberdade, pela Democracia, pela dignidade de um Povo. -----

----- Continuar a festejar Abril é continuar a luta por uma sociedade mais fraterna, mais justa, mais humana e solidária. -----

----- Viva o 25 de Abril, Viva Portugal -----

----- **O Deputado Municipal Miguel Coelho (PS)**, fez a seguinte intervenção: -----

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal e digníssima Mesa -----

----- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----

----- Senhores representantes dos Partidos Políticos aqui presentes -----

----- Senhoras e Senhores convidados -----

----- Senhoras e Senhores Deputados -----

----- Comemorar os 30 Anos do 25 de Abril é, em primeiro lugar, um acto de alegria e de reconhecimento. -----

----- Alegria porque celebramos o acto fundador do nosso regime democrático, da nossa liberdade, o Renascimento de Portugal enquanto nação livre e respeitada, após quase meio século de ditadura fascista. -----

----- Reconhecimento e agradecimento para com os capitães de Abril – sem os quais não teria sido possível ter-se concretizado o sonho – mas também de reconhecimento para com o importante papel que desempenharam todos aqueles, milhares de pessoas – mulheres e homens, antifascistas, republicanos, comunistas, socialistas, maçons e católicos progressistas – que durante o período de escuridão e trevas souberam resistir e criar assim as condições para que o 25 de Abril fosse possível. -----

----- Um destaque e uma saudação muito especial para os povos das colónias, hoje Países Oficiais de Expressão Portuguesa, que ao encetarem a sua guerra de libertação nacional, sempre souberam distinguir e separar o povo português do colonialismo. Também eles, de um modo decisivo contribuíram para o 25 de Abril. -----

----- Mas, Senhor Presidente -----

----- Minhas Senhoras e meus Senhores -----

----- Comemorar o 25 de Abril, e muito particularmente os seus 30 anos, é também um dever e um acto, necessário, de cidadania. -----

----- É um dever porque, como disse Mário Soares, “a Revolução dos Cravos foi o acontecimento mais relevante do século XX em Portugal”. A este propósito importa desde já esclarecer, em nome do Grupo Parlamentar do PS na Assembleia Municipal, que condenamos e achamos lamentável, esta tentativa de Revisionismo Histórico, bem ao jeito de algumas ditaduras entretanto desaparecidas, em tentar-se reescrever a história, neste caso transformando uma revolução generosa, onde o único derramamento de sangue foi provocado pelos torcionários da polícia política, numa simples “evolução em continuidade”. -----

----- Nada de mais errado e não verdadeiro! -----

----- Foi uma revolução porque alterou de forma radical a natureza do regime. -----

----- Foi uma revolução porque a movimentação e participação do povo português, e de Lisboa como aqui foi salientado, foi determinante para a prossecução de objectivos alcançados, obrigando por vezes, os próprios militares a seguirem atrás desses mesmos objectivos. Apenas dois exemplos significativos: -----

----- - O apressar do fim da polícia política, inicialmente não previsto no Programa do Movimento das Forças Armadas e o aceleração da descolonização onde, o célebre *slogan* de “Nem Mais Um Só Soldado para as Colónias”, amplamente difundido em centenas de manifestações originou uma situação de desobediência civil e militar, com milhares de jovens a recusarem-se embarcar para África e, conseqüentemente, criando-se condições objectivas para uma rápida entrega das colónias aos movimentos de libertação. Seria aliás injusto não reconhecer o importante papel desempenhado pelo Sr. Primeiro-Ministro desse tempo, nesse processo revolucionário, onde ele próprio encabeçou centenas dessas manifestações. Historicamente, teve razão. -----

----- Mas foi também uma revolução porque alterou profundamente as relações de produção e sociais no nosso País. -----

----- Naturalmente depois da Revolução veio a evolução normal em qualquer democracia, que urge sempre preservar. -----

----- Senhor Presidente -----

----- Senhoras e Senhores Deputados -----

----- Das inúmeras conquistas da Revolução de Abril parece-nos oportuno nesta Assembleia salientar uma das mais importantes e decisivas para o progresso registado no nosso País: Um PODER LOCAL, prestigiado e próximo das populações. -----

----- Celebrando estes 30 Anos de Abril é tempo de reconhecermos o papel absolutamente decisivo que o Poder Local Democrático teve no desenvolvimento do País e das situações. A cobertura quase total que agora se regista em termos, de saneamento básico, água canalizada ou electrificação, deve-se, em primeiro lugar, a milhares de homens e mulheres, democraticamente eleitos para as Juntas e Assembleias de Freguesia, Câmaras e Assembleias Municipais que, desde as primeiras eleições autárquicas, assumiram para si a tarefa de tudo fazerem para a melhoria das condições de vida das populações que neles confiaram. Eles são também responsáveis pelos impressionantes resultados alcançados nestes 30 anos como são a diminuição muito significativa da taxa de mortalidade infantil ou o aumento também assinalável da esperança de vida dos portugueses. -----

----- Queremos aproveitar este momento para exortar o Governo que, em homenagem ao espírito de Abril, passe a cumprir a Lei de Finanças das Autarquias Locais e que deixe de estrangular as freguesias e os municípios, que são de todos os órgãos eleitos, aqueles que estão mais próximos dos cidadãos. -----

----- Senhor Presidente -----

----- Senhoras e Senhores Deputados -----

Celebrar os 30 anos do 25 de Abril é também um acto de cidadania, sempre e cada vez mais necessário. -----

----- Não só porque alguns dos progressos alcançados estarão, em nosso entender, ameaçados pelas injustas políticas sociais adoptadas por certa direita neste governo, mas também porque a democracia política pluralista, uma das conquistas essenciais de Abril pressupõe, cada vez mais, uma maior participação dos cidadãos, em particular dos jovens. -----

----- E é para os jovens a nossa última palavra. Sem paternalismos. Ainda bem que nasceram e sempre viveram em Liberdade. Foi para isso que muitos lutaram e os gloriosos capitães de Abril cumpriram o seu destino. -----

----- Aos valores de Abril: a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade e a Solidariedade, sempre actuais, é necessário juntar outros, novos valores que a globalização nos impõe que assumamos, em nome da soberania e da dignidade do ser humano. -----

----- Estes valores não se podem impor. Podem e devem ser assumidos. -----

A grande lição do 25 de Abril é que as pessoas, se o quiserem, podem assumir o seu futuro, o seu destino. -----

----- Queiram vocês, jovens de Abril, assumir o vosso futuro e os dos vossos filhos. Se o fizerem, estarão a cumprir Abril. -----

----- Viva o 25 de Abril, Viva Portugal -----

----- **O Deputado Municipal Anacoreta Correia (CDS-PP)** fez a seguinte intervenção: -----

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa -----

----- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----

----- Senhores Vereadores -----

----- Senhoras e Senhores convidados -----

----- Se o 25 de Abril foi, sobretudo, o reencontro de Portugal com a liberdade, renovar em cada ano a sua celebração, com alegria, com reconhecimento, sem procurar situá-la no contexto preciso duma realidade em mudança cada vez mais acelerada e em boa parte inesperada, seria reduzi-la a uma mera liturgia ou ritual seria, sobretudo, um mau serviço ao espírito do “verdadeiro” 25 de Abril. -----

----- 30 anos se passaram! Estamos já na 2ª geração nascida após a Revolução Democrática e é perfeitamente possível ler o seu significado com o distanciamento suficiente que é a única forma de sermos capazes de o projectar nos dias de hoje. -----

----- Quando os países chegam a situações de impasse porque não dispõem dos instrumentos de mudança que só a democracia disponibiliza, e a única forma de ultrapassar essas situações é a revolução e dar a voz às armas, essas roturas trazem

consigo a imprevisibilidade da forma como se desenrolarão posteriormente os acontecimentos. Foi em boa parte o que sucedeu no nosso País. -----

----- A Revolução que nos levou ao reencontro com a democracia proclamou como desígnios democratizar, descolonizar e desenvolver. Ela teve uma dimensão democrática, de essência popular e patriótica, e outra de perversão e tentação totalitária que terminou em 25 de Novembro. -----

----- Não é este o momento de tentarmos fazer um balanço exaustivo mas faltaríamos à verdade se não disséssemos que a descolonização chegou tarde, e chegou mal. Provocou sacrifícios e atrasos de décadas no processo de desenvolvimento em países que nos estão muito próximos. Hoje, felizmente, a democracia instala-se progressivamente nesses países. -----

----- Os partidos que conduziram as lutas pela independência perderam as pretensões vanguardistas e tiveram de se acomodar às regras da convivência democrática. -----

----- O caso de Cabo Verde enche-nos de orgulho porque é a demonstração de que a democracia e o desenvolvimento são duas faces dum mesmo processo. Podemos pois afirmar sem receio que descolonizar sem democratizar teve um preço demasiado elevado que todos nós, nós e eles, pagamos por isso. -----

----- Estas considerações parecem-me oportunas na Assembleia magna de uma cidade que tem liderado, através da UCCLA, o desenvolvimento de laços de amizade e cooperação entre as cidades lusófonas, que traduzem um compromisso histórico que ultrapassa Governos e lideranças! E neste momento muito me orgulho de recordar a figura de Nuno Kruz Abecasis e o impulso que deu à UCCLA. -----

----- No que se refere ao desígnio do desenvolvimento, é inquestionável que progredimos. Os indicadores sobre a saúde, sobre a educação e sobre a habitação são muito diferentes, para melhor, dos de há 30 anos e não nos deixam margem para dúvidas: aproximámo-nos dos valores europeus. Mas o mundo mudou e hoje conhecemos problemas complexos ditos de “sociedade” que em grande parte têm que ser superados ao nível de sociedade civil, e aí as cidades têm um papel relevante ao nível da sua solução. -----

----- O terceiro desígnio do 25 de Abril – democratizar – foi de todos o mais conseguido! -----

----- Portugal é hoje um País onde os cidadãos se podem exprimir livremente e sem medo! Dezenas de actos eleitorais, a nível local, regional e nacional sempre se realizaram em perfeita normalidade democrática, mas seria querer tapar o sol com a peneira esquecer que existe um grande desencanto pela política, que são visíveis as marcas de uma crise de cidadania que urge ultrapassar, e constata-se que para muitos jovens é reduzido o interesse pela vida colectiva e para quem, por exemplo, o 25 de Abril é uma efeméride cujo significado lhes é absolutamente indiferente, como se sempre tivéssemos vivido em liberdade. Têm sorte esses jovens, nasceram e viveram com ela e por isso não concebem que a vida possa ser de outra maneira. -----

----- Se o 25 de Abril pôs ponto final numa situação injusta, a melhor forma de o honrarmos e termos uma posição de combate em torno de objectivos que nos possam unir: um combate pela nossa identidade como povo e com nação, em que Lisboa,

como aqui foi recordado, sempre tomou a liderança desse combate, com um combate pela lusofonia, um combate pelo prestígio do nosso país, para que possa ser, junto da Europa e no concerto internacional das nações, “a voz daqueles que não têm voz!”. Um combate pelos direitos, liberdades e garantias em toda a parte! -----

----- Mas também um combate pelo interesse vivo pela política e pelo exercício responsável da cidadania! Um combate pelas reformas económicas e sociais, sem as quais o País não será competitivo, o que é a condição para podermos vencer aqueles combates. -----

----- Na opinião do CDS-PP algumas das reformas hoje em curso ou previstas, vêm tarde, mas são essenciais para que Portugal não seja um País resignado mas, sim, um País, com optimismo e com fé, que sabe adaptar-se ao mundo que evoluiu e que através da Democracia encontre as soluções que não o deixem cair num outro impasse, um impasse sem dúvida diferente, muito diferente do de há 30 anos, mas ainda assim um impasse. -----

----- Viva Lisboa, Viva Portugal. -----

----- **O Deputado Municipal José Luís Ferreira (PEV)**, fez a seguinte intervenção: -

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal -----

----- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa -----

----- Senhor Presidente da Associação 25 de Abril -----

----- Senhoras e Senhores Vereadores -----

----- Caros colegas Deputados Municipais -----

----- Senhoras e Senhores convidados -----

----- Juntamo-nos aqui hoje para assinalar o 25 de Abril de 74, o dia em que o nosso futuro colectivo ganhou outro sentido, em liberdade, em democracia e em paz. -----

----- Essa manhã de sol e de chuva de cravos, o 25 de Abri, não foi porém, obra do acaso, nem tão pouco fruto de um acidente do destino, e muito menos o produto de qualquer evolução pacientemente aguardado. -----

----- Foi sim o resultado da determinação dos capitães de Abril, que nesse dia, saindo dos quartéis, sacudiram o presente para nos dar outro futuro, pondo fim a uma ditadura de quase meio século, a um regime fascista que calou e censurou os portugueses, que fez a guerra do ultramar, que procurou moldar pensamentos, que impôs o silêncio e decretou o medo. -----

----- Foi também o resultado da resistência, da insubmissão e da coragem, de homens e mulheres portugueses que, acreditando em causas e valores que consideravam justos, saíram finalmente à rua e abraçaram essa manhã de sol e cravos e tudo o que ela transportava. -----

----- Para trás ficava o Estado Novo, a ditadura, a PIDE, as províncias ultramarinas, a censura, a guerra colonial, a Mocidade Portuguesa, o “a bem da nação”, o “Angola é nossa” os “brandos costumes”, o “orgulhosamente sós”, as “conversas em família” e tantas, tantas outras coisas das quais não temos a menor saudade. -----

----- Para o futuro viriam eleições livres e a livre formação de Partidos Políticos, a liberdade sindical, a liberdade de associação, de expressão, a liberdade de imprensa, a igualdade de direitos para as mulheres, o Poder Local democrático, e tantas, tantas

outras coisas que no seu conjunto constituem um o património só possível com uma verdadeira Revolução. -----

----- Foram pois, os militares de Abril e esses homens e mulheres, que tornaram possível tudo quanto esse dia de Abril, de sol e de cravos, nos trouxe. -----

----- E trouxe muito, sobretudo a Liberdade, a Democracia e a Paz. -----

----- E se é verdade que em 30 anos Portugal conseguiu superar muitos dos seus atrasos e deficiências estruturais, também é verdade que se tem mostrado incapaz de reduzir substancialmente o fosso entre ricos e pobres ou de sustentar a degradação ambiental. -----

----- Falta ainda muito para construir Abril. -----

----- Falta proceder a uma repartição justa da riqueza produzida. -----

----- Falta vontade política para encontrar os caminhos de um verdadeiro desenvolvimento sustentável, de forma a sermos capazes de gerir o presente sem hipotecar o futuro e a vida das gerações que aí vêm. -----

----- Três décadas depois há quem pretenda reduzir os recursos naturais, como a água, esse bem fundamental à vida, a uma mera mercadoria que se compra e que se vende. -

----- Falta garantir que nenhum médico, professor, ou juiz deixe de tomar posse por falta de verbas. O pacto de estabilidade não pode guiar, de forma cega, os nossos dias. A economia não pode sobrepor-se à educação, à justiça ou à saúde dos portugueses. --

----- Três décadas depois há ainda governantes que teimam em não querer entender que a economia existe para servir as pessoas e não o contrário. -----

----- Três décadas depois falta ainda combater seriamente a pobreza e prevenir a exclusão social. -----

----- Falta garantir os direitos das minorias e as suas identidades e as suas identidades.-

----- Três décadas depois falta atribuir às mulheres a liberdade de decidirem sobre o seu corpo e deixarem de ser vergonhosamente submetidas a abortos clandestinos, nas condições mais deploráveis e com todos os riscos que isso comporta para a sua vida. --

----- Muito se caminhou, mas falta ainda muito para construir o sonho dessa manhã de sol e de cravos de Abril. -----

----- E nós que nesse dia de Abril encontramos também os caminhos da Paz, ficamos, três décadas depois, indignados, ao ver Portugal novamente envolvido nos cenários bélicos. -----

----- Três décadas depois, os senhores da guerra escolhem os Açores, a Base das Lages. -----

----- Três décadas depois e sob bandeira Portuguesa, declaram guerra ao Iraque e ao povo Iraquiano, já de si massacrado pela ditadura de Saddam Hussein. -----

----- Nos Açores, estiveram os tais senhores que tentaram convencer o mundo que o Iraque possuía armas de destruição maciça, mas que até hoje não foram capazes de as mostrar. -----

----- Mas nos Açores, três décadas depois, esteve também o Primeiro-Ministro de Portugal, que ainda não conseguiu explicar aos portugueses os fundamentos que levaram Portugal ao envolvimento nesta guerra e que só um seguidismo cego perante

os Estados Unidos justifica a manutenção de forças portuguesas nessa imoral ocupação. -----

----- Vamos esperar que ao passarmos por mais um Abril, que é, para nós, sempre de paz, o Governo evolua para uma posição de bom senso e proceda à retirada das nossas forças deste triste e vergonhoso cenário em que nos envolveram. -----

----- Viva o 25 de Abril. -----

----- **O Deputado Municipal Ferreira Pereira (PPM)** fez a seguinte intervenção: ---

----- Senhor presidente da Assembleia Municipal -----

----- Senhores Membros da Mesa -----

----- Senhor Presidente da Câmara e restante Vereação -----

----- Senhores convidados -----

----- Prezados colegas -----

----- Permitam-me que as minhas primeiras palavras sejam para lembrar a acção que o Senhor Coronel Vasco Lourenço teve no momento difícil da Revolução em que tudo parecia descambar e iríamos deixar de ter a liberdade para passarmos a ter uma nova ditadura. -----

----- Os meus agradecimentos, em meu nome e dos meus parceiros de bancada. -----

----- Comemoramos hoje, por antecipação, o 30º aniversário da Revolução do 25 de Abril que se propunha devolver, aos portugueses, a sua tradição democrática iniciada no princípio do séc. XIX e várias vezes maltratada ao longo do tempo. Recordemos que a mudança de um regime de quase oito séculos, sem que a população tivesse sido chamada a pronunciar-se não se pode considerar como um acto democrático. E foi a Primeira República nascida com esse pecado original que pela sua conduta, originou objectivamente as condições que provocaram o 28 de Maio e a interrupção da Democracia. -----

----- É bom lembrar que esse movimento foi, em geral, bem recebido tal o estado de degradação a que o País tinha chegado; até homens como, por exemplo Cunha Leal, Henrique Galvão e Humberto Delgado colaboraram com a auto-proclamada ditadura nacional. Mas, se uma ditadura pode ser considerada aceitável em circunstâncias excepcionais e num curto espaço de tempo, não pode nunca tornar-se num regime habitual. Foi o que em Portugal se pretendeu instituir-se, e a partir do final da guerra de 39/45 começa a contestação especialmente através do ainda incipiente movimento operário. -----

----- As pequenas “aberturas” dadas pelo regime abrem as portas à contestação generalizada muitos dos que até então colaboraram acharam que o regime tinha que dar lugar a uma democracia plena. A última tentativa pacífica foi levada a cabo, entre outros, por Sá Carneiro, Pinto Balsemão, Leite Pinto, dentro da Assembleia Nacional. Finalmente o corte só foi possível pela via armada. -----

----- Não foi fácil o caminho da Revolução. Em primeiro lugar, os que a fizeram não tinham, em comum, mais do que o derrube do regime então vigente. Alguns queriam a implantação de um regime político semelhante ao dos países ocidentais: liberdade de expressa, parlamento eleito pelo universo dos eleitores, liberdade sindical poder local; enfim, aquilo a que outros chamavam democracia burguesa e à qual opunham o

partido único, a central sindical única, a imprensa do partido único – não foi fácil a evolução: 28 de Setembro, 11 de Março, pacto MFA/partidos, 25 de Novembro, são episódios fundamentais para o estudo da Revolução. -----

----- Hoje temos já o distanciamento minimamente necessário para esquecermos as tentativas de atropelo de que a Democracia foi vítima e lembrarmos o que tem de bom: devolução das liberdades fundamentais, fortalecimento do Poder Local, desenvolvimento económico e social, acesso à Europa; o estabelecimento de relações amistosas com as nossas antigas colónias. -----

----- Podemos dizer que o País tem as ferramentas necessárias para progredir e melhorar as condições de vida das populações. -----

----- Termino, contudo, com um protesto. Todos os partidos legalizados em Portugal podem aceder em pleno aos seus fins programáticos desde que tenham os votos necessários. Para o meu partido, o Partido Popular Monárquico, tal não é possível. É que sobre nós abate-se o anátema constitucional, resquício do pacto MFA/partidos que nos recusámos a assinar. -----

----- **O Deputado Municipal Carlos Marques (BE)**, fez a seguinte intervenção: -----

----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal -----

----- Senhores Secretários -----

----- Senhor Presidente da Câmara -----

----- Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores -----

----- Caros colegas -----

----- Uma saudação especial ao Senhor Presidente da Associação 25 de Abril, meu caro amigo Tenente-Coronel Vasco Lourenço -----

----- Passam agora 30 anos da Revolução do 25 de Abril. -----

----- Disse bem. Não foi engano. -----

----- Revolução do 25 de Abril! Revolução com “R” vermelho! -----

----- Porque o 25 de Abril foi uma revolução, pela força das armas dos Militares de Abril que saudamos constantemente, com o povo desobediente na rua lutando pela liberdade e pela democracia dando a cor vermelha do cravo ao “R” da Revolução. -----

----- Nessa revolução foram prometidos ao povo português três “D’s”; o D da democracia, o D do desenvolvimento e o D da descolonização. -----

----- Quando pensava escrever isto, ontem à noite, ouvia um debate na televisão onde o ministro Morais Sarmento dizia que estes três “D’s” estavam praticamente resolvidos na sua essência. -----

----- Que visão tão sorridente, tão beatífica e tão fora da realidade e da vida do povo português! -----

----- Como estão estes três “D’s” resolvidos? -----

----- Começemos pelo “D” da democracia. -----

----- É verdade e inegável que a Revolução de Abril nos trouxe a Liberdade, os partidos políticos, as eleições democráticas e os órgãos constitucionais democrática e legitimamente eleitos. -----

----- Mas será só isto a democracia? -----

----- E como participam os cidadãos nessa democracia? -----

----- Porque é que em cada eleição há mais abstenção? -----

----- Que instrumentos legais proporciona o Estado para incentivar a participação dos cidadãos na vida comunitária? -----

----- Os cidadãos vêem o estado como um parceiro amigo, incentivador e acolhedor da sua participação, ou antes como um inimigo, um permanente obstáculo à participação cidadã?! -----

----- Como será possível incentivar-se a participação democrática dos cidadãos na causa pública, se tudo é difícil e tudo é a pagar? -----

----- Como é possível incentivar os cidadãos à participação na cidadania se, por exemplo, várias ONG's se propõem fazer um espectáculo anti-racista, e a resposta que têm do poder político é, não um agradecimento pelo seu trabalho gratuito e proveitoso para a democrática convivência pluri-nacional, é, não um apoio material e financeiro a tal acto, mas bem pelo contrário, para usarem o Fórum Lisboa têm de pagar umas centenas de contos. -----

----- E isto é só um pequeníssimo exemplo. -----

----- Para o primeiro “D” falta muito! -----

----- Falta termos um poder político amigo do cidadão, incentivador da sua participação. -----

----- Um poder político que quando se fala em participação dos cidadãos não olhe logo de soslaio, desconfiado que aí vem alguém para contestar. -----

----- Ao “D” da democracia falta acrescentar o “P” de participação! -----

----- Mas se falarmos do segundo “D” do desenvolvimento, então o beatífico sorriso do Ministro deixa transparecer o tom da hipocrisia. -----

----- Desenvolvimento com o desemprego a crescer? -----

----- Desenvolvimento com o fim das regalias sociais? -----

----- Desenvolvimento com um quarto da população a viver no nível da pobreza, de acordo com as estatísticas nacionais? -----

----- Desenvolvimento com o circo e o casino das privatizações? -----

----- Desenvolvimento com uma recessão sufocadora da economia? -----

----- Ao segundo “D” de desenvolvimento tanto falta fazer, começando por travar esta voragem bacoca do novo-riquismo espartano na imagem e no marketing e gastador nos escondidos corredores dos gabinetes. -----

----- Ao desenvolvimento falta uma política séria, sustentada, amiga do cidadão, em convivência harmónica com o ambiente, criadora de riqueza, distribuidora dessa riqueza pelos mais desfavorecidos e sustentadora de uma qualidade de vida. -----

----- Resta-nos o terceiro “D” da descolonização. -----

----- É verdade que Portugal hoje não tem colónias. -----

----- É verdade que Angola, Moçambique, Guiné, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor-Leste são países independentes, aos quais devemos sempre agradecer a sua luta de libertação que tanto ajudou à queda da ditadura portuguesa e a quem nesta data desejamos que trilhem os melhores caminhos para o futuro dos seus povos. -----

----- Mas também é verdade que o “D” de descolonização significava o profundo desejo da paz e de não mais na história secular de Portugal envolvermos o nosso País em novas guerras coloniais. -----

----- É por isso que é preciso responder ao Sr. Ministro Morais Sarmiento, que este “D” também não está cumprido, hoje, porque o seu Governo levou de novo Portugal a uma guerra colonial de invasão de um país soberano, contra a vontade dos portugueses e contra a lei internacional. -----

----- Tal como há 30 anos, está na hora se erguermos as bandeiras e a voz dizendo: ----

----- “Nem mais um soldado ou GNR para o Iraque” -----

----- “Regresso imediato da GNR do Iraque”! -----

----- A guerra colonial no Iraque foi defendida para, diziam, encontrar umas tais armas mortíferas mundiais. Tinham provas, diziam eles! -----

----- Onde estão essas armas? -----

----- A guerra colonial no Iraque era para acabar e combater o terrorismo. Tinham a certeza, diziam eles! -----

----- Acabou com o terrorismo? Ou deu pretextos e incendiou mais esse terrorismo assassino? -----

----- A guerra colonial no Iraque era para acabar com os fundamentalismos religiosos e anti-democráticos, como se a democracia fosse uma coisa que se impusesse a um povo pela força das armas e não tivesse de ser uma clara e consciente construção por vontade desse povo. Jam retirar base de sustentação aos fundamentalismos, diziam eles! -----

----- Acabaram com os fundamentalismos fanáticos? Ou assistimos cada dia ao aumento de organizações fundamentalistas, dirigidas por fanáticos armados e cada dia mais organizados e com apoio popular? -----

----- Senhores Deputados -----

----- Para o Bloco de Esquerda, festejar o 25 de Abril só pode ser, reclamar o cumprimento cabal dos três “D’s” prometidos! -----

----- Reclamamos mais Democracia, mas democracia participativa onde o centro de gravidade resida nos eleitores e não nos eleitos, como acontece hoje! -----

----- Reclamamos mais Desenvolvimento, com uma economia sustentada de pleno emprego e assente na protecção e igualdade social. -----

----- Reclamamos com vigor o fim da participação portuguesa na guerra colonial do Iraque com o regresso imediato dos GNR’s portugueses. -----

----- É exactamente porque falta fazer muito de Abril, que o Bloco de Esquerda diz que a revolução é ainda uma criança. -----

----- Tanto foi feito! -----

----- Tanto está a ser desfeito. -----

----- Há tanto para fazer! -----

----- É tão preciso inverter a marcha desta “EVOLUÇÃO” para o abismo a que o actual poder político nos leva! -----

----- Mas Abril, Abril da Revolução, Abril do “R” vermelho, Abril do povo, Abril da Primavera, também foi e também é, a FESTA, a ALEGRIA, a ESPERANÇA. -----

----- Caro Xico Buarque de Holanda tens de mudar a letra da tua música que ganhou o
nosso coração: “*Estão tentando estragar a festa pá!*” Mas não fiques triste! “*Fica
contente pá!*” -----

----- Pois estamos aí todos os amantes das flores do jardim! -----

----- A revolução é uma criança! -----

----- Vamos fazê-la crescer e viver! -----

----- Xico, te mandamos “*um cheirinho a alecrim*”! -----

----- Viva o 25 de Abril! -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, a encerrar a Sessão Solene, disse: -----

----- Quero agradecer e saudar as intervenções que foram feitas, do Senhor Presidente
da Câmara Municipal, do Sr. Coronel Vasco Lourenço e de todos os excelentíssimos
representantes dos Grupos Municipais. -----

----- Ficamos todos mais enriquecidos, na diversidade das perspectivas e abordagens,
e mais fortes para os trabalhos que nos esperam, na vida democrática e intensa desta
Assembleia Municipal. -----

----- Quero agora convidá-los a convivermos um pouco, num beberete programado a
pensar na sã amizade e na vida democrática que nos une, nas comemorações tão
especiais dos 30 anos do 25 de Abril. -----

----- Viva o 25 de Abril, Viva Portugal -----

----- O PRESIDENTE -----